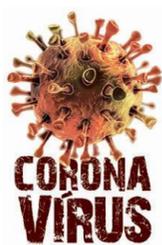




Ômicron deve infectar metade dos europeus

Alerta da Organização Mundial da Saúde (OMS) prevê rápida disseminação da cepa do coronavírus entre seis e oito semanas e admite que ritmo de transmissão é "sem precedentes". França e Itália têm recorde em novos casos da covid-19



» RODRIGO CRAVEIRO

A ômicron — cepa do coronavírus causador da covid-19 descoberta em novembro — contaminará mais da metade da população da Europa, caso o ritmo de transmissão permaneça inalterado. “Nesse ritmo (...), prevê-se que mais de 50% da população da região terá sido infectada com a variante ômicron nas próximas seis, ou oito, semanas”, declarou o diretor da Organização Mundial da Saúde (OMS) para a região da Europa, Hans Kluge, durante entrevista coletiva.

Kluge mostrou-se “profundamente preocupado” com o fato de que a ômicron tem se movido para o leste do continente. No centro e no leste da Europa, as taxas de imunização são mais baixas em comparação com outras regiões. “Nós temos que ver o impacto completo em nações onde a adesão à vacinação é menor e onde veremos doenças mais graves entre não imunizados”, advertiu. O diretor lembrou que a ômicron possui várias mutações “capazes de se fixarem facilmente às células humanas”. Ontem, a França e a Itália registraram recordes de casos da covid-19 em 24 horas — respectivamente, 368.149 e 220.532.

Para Kluge, os países que ainda não foram afetados pela ômicron têm uma “janela de oportunidade para agirem imediatamente” e protegerem a parte mais vulnerável da população. “Nos locais em que a ômicron começou a se propagar, a prioridade deveria ser reduzir danos entre os vulneráveis, e minimizar interrupções nos sistemas de saúde e nos serviços essenciais”, afirmou. Ele defende que os cidadãos com risco de desenvolverem condições graves da covid-19 devem receber as doses de reforço da vacina.

Ludovic Marin/AFP



Funcionário de farmácia de Paris coleta amostra de secreção para detectar a covid-19: pelo menos 8,3 milhões de testes realizados

Apesar das previsões alarmantes da OMS, a Agência Europeia de Medicamentos (EMA) afirmou que a propagação da ômicron transformará a covid-19 em uma doença endêmica, com a qual a humanidade poderá aprender a conviver. “Ninguém sabe quando vamos ver a luz no fim do túnel, mas vamos chegar lá”, disse Marco Cavaleri, diretor de estratégia vacinal da EMA, com sede em Amsterdã.

Professor de epidemiologia da Universidade de Lisboa, Manuel Carmo Gomes disse ao **Correio** que considera críveis as projeções da OMS. “Em Portugal, se forem infectadas, em média, 50 mil pessoas por dia (provavelmente são mais), ao fim de dois meses nós teremos cerca de 3 milhões de infectados, ou 30% da população. Vale lembrar que Portugal tem uma cobertura vacinal elevadíssima, com mais de 90% dos cidadãos imunizados, e outros países apresentam incidências relativas superiores.”

Recorde de hospitalizações nos EUA

Os Estados Unidos superaram o próprio recorde de pessoas hospitalizadas com covid-19, com quase 146 mil pacientes internados, segundo dados do Departamento de Saúde do país. Destes, quase 24 mil (16%) se encontram em unidades de cuidados intensivos. O recorde anterior era de mais de 142 mil e foi batido em 14 de janeiro de 2021, há quase um ano. “Há 17 vezes mais risco de ser hospitalizado e 20 vezes mais de morrer, se você não estiver vacinado”, advertiu o imunologista Antony Fauci, assessor especial da Casa Branca sobre a crise sanitária, durante comparecimento no Senado.

Latência

De acordo com Gomes, é impossível conter a ômicron. “Se fosse para fazer uma analogia, seria como conter resfriados comuns de inverno”, comparou. O epidemiologista português lembra que a ômicron é muito contagiosa e possui período de latência — tempo entre a infecção e o início da transmissão — muito curto, entre um e dois dias. “Seria necessário um número enorme de rastreadores profissionais para identificar e isolar os novos

infectados em menos de 24 horas, antes que comecem a infectar outras pessoas”, explicou.

Embora tenha reforçado o número desses profissionais, Portugal conseguiu isolar apenas 64% dos novos casos em menos de 24 horas. “A única coisa que trava a ômicron é o ‘consumo’ pelo vírus de pessoas suscetíveis que se expõem à contaminação. A subida de casos é muito rápida, esgota os expostos, e depois decai rapidamente. E provável que, em seguida, haja nova subida rápida”, acrescentou Gomes.

Escândalo britânico

Com a popularidade em queda, o primeiro-ministro do Reino Unido, Boris Johnson, se vê envolto em novo escândalo. A polícia britânica investiga uma grande festa nos jardins de Downing Street, que teria ocorrido em 20 de maio passado, dois meses depois de o governo decretar confinamento para conter o avanço da covid-19. Um mês antes, Johnson chegou a ser hospitalizado na unidade de terapia intensiva, acometido pela doença. O lockdown deixou 67 milhões de britânicos sem interações sociais, os negócios não essenciais ficaram fechados, e as pessoas não puderam se locomover livremente.

De acordo com o canal privado ITV News, o secretário particular do primeiro-ministro, Martin Reynolds, enviou um e-mail a uma centena de funcionários, convidando-os, “depois de um período incrivelmente ocupado”, para “aproveitar o bom tempo”, tomando “algumas bebidas com distanciamento social em 20 de maio, em Downing Street”. “Junte-se a nós a partir das 18h e tragam suas próprias bebidas”, dizia a mensagem vazada para a imprensa, reacendendo um escândalo que o polêmico líder conservador esperava ter deixado para trás com o início do novo ano.

De acordo com vários meios de comunicação britânicos, a festa contou com a presença de Johnson e de sua mulher, Carrie. Em 29 de abril daquele ano, ela deu à luz Wilfred, o primeiro filho do casal, que agora tem dois anos.

A Polícia Metropolitana de Londres divulgou comunicado no qual afirmou investigar o caso. “O serviço da Polícia Metropolitana está ciente das informações em relação às supostas infrações dos regulamentos de proteção sanitária em Downing Street, em 20 de maio de 2020, e está em contato com o gabinete” a esse respeito, anunciou.

Eu acho...



“É possível retardar a propagação da ômicron, a fim de evitar que vários casos graves surjam no mesmo período. Embora a porcentagem de casos graves seja muito inferior aos da delta, uma pequena parcela, aplicada a um número muito alto de infecções em curto tempo, pode colapsar os sistemas de saúde. As medidas para retardar a transmissão incluem o reforço da vacinação de quem já tem o esquema completo e a imunização de quem não se vacinou. Além disso, o uso de máscaras, a higiene das mãos e o veto à aglomeração.”

Manuel Carmo Gomes, professor de epidemiologia da Universidade de Lisboa

CAZAQUISTÃO

Presidente anuncia retirada de tropas russas

O presidente do Cazaquistão, Kassym-Jomart Tokayev, anunciou que as tropas da Rússia começarão a deixar o país amanhã. Em uma aparente tentativa de reforçar sua autoridade, ele criticou fortemente o antecessor. Em declarações direcionadas ao governo e ao Parlamento, por meio de videoconferência, Tokayev, 68 anos, acusou Nursultan Nazarbayev, seu poderoso mentor, de ter fomentado o surgimento de uma “casta rica, mesmo para os padrões internacionais”, que domina o país e seus abundantes recursos de hidrocarbonetos. Trata-se de uma crítica sem precedentes ao “pai da nação”, cuja personalidade é reverenciada neste tumultuado país da Ásia Central.

“Acho que chegou a hora de prestar homenagem ao povo do Cazaquistão e de apoiá-lo de maneira sistemática e regular”, disse Tokayev, acrescentando que “empresas muito lucrativas” deverão contribuir com dinheiro para um fundo estatal. No mesmo discurso, prometeu realizar reformas, conter a inflação e aumentar os salários, no momento em que a ex-república soviética — rica em hidrocarbonetos — sofre a pior crise de sua história recente.

Os distúrbios da semana passada começaram com um protesto pacífico contra o aumento do preço da energia no oeste do país e terminaram com dezenas de mortos e cerca de 10 mil presos. Cazaquistão e Rússia denunciaram uma tentativa de golpe de

Alexandr Bogdanov/AFP



Prédio da Prefeitura de Almaty incendiado pelos manifestantes

Estado com a ajuda de “terroristas” estrangeiros, mas forneceram poucas evidências para o argumento.

A pedido de Tokayev, a Organização do Tratado de Segurança Coletiva (CSTO, na sigla em inglês), liderada por Moscou,

enviou tropas para restabelecer a ordem e reforçar as autoridades. Tokayev anunciou que “uma retirada gradual” começará amanhã e deverá durar “não mais que dez dias”. A missão principal das forças de paz da CSTO foi concluída com sucesso”, assegurou.

Formado por mais de 2 mil soldados, o contingente foi enviado a Almaty na semana passada, após confrontos armados entre opositores do governo e as forças de segurança e uma onda de saques que deixou a maior cidade do país irreconhecível. A decisão de enviar tropas foi uma novidade para a CSTO. Apresentada por Moscou como um equivalente da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), a instituição era, até agora, relutante em interferir na Ásia Central.

“Guerra terrorista”

O ex-presidente Nursultan Nazarbayev, 81 anos, não apareceu em público desde o início da crise. Um conhecido disse que ele estava na capital, Nursultan, e dialoga com Tokayev. As filhas, genros e netos de Nazarbayev controlam cargos e setores econômicos. Karim Masimov, ex-chefe do Comitê de Segurança Nacional e importante aliado de Nazarbayev, foi preso no sábado.

Tokayev culpou o comitê, antes controlado por Masimov, de abandonar as cidades do Cazaquistão. “Apesar de ter um arsenal militar suficiente, sem entrar em combate, abandonaram os prédios, deixando para trás armas e documentos secretos”, relatou. “Uma guerra terrorista foi desencadeada. Poderíamos ter perdido o país”, completou.